



# L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL  EM PORTUGUÊS*Unicuique suum Non praevalerunt*

Ano L, número 32-33 (2.578)

Cidade do Vaticano

terça-feira 6-13 de agosto de 2019

Francisco escreveu aos sacerdotes do mundo no 160º aniversário da morte do Santo Cura d'Ars

## Aos meus irmãos presbíteros

Partilha da dor pelo escândalo dos abusos e consolação a quantos servem o povo de Deus



«Tribulação», «Gratidão», «Ardor» e «Louvor»: eis as quatro palavras que servem de base para a carta que o Papa Francisco escreveu no domingo, 4 de agosto, memória litúrgica de São João Maria Vianney, aos sacerdotes do mundo inteiro, no 160º aniversário do falecimento do Santo Cura d'Ars. Com carinho e solicitude, o Pontífice manifestou o seu encorajamento e proximidade aos «irmãos presbíteros» que todos os dias, «sem fazer alarde», se dedicam no «serviço a Deus e ao seu povo». A «tribulação» é devida ao escândalo dos abusos que pesa sobre a Igreja inteira, e é acompanhada pela «gratidão» pelos numerosos sacerdotes que, ao contrário, «fiéis aos compromissos assumidos», testemunham com «generosidade, solidariedade e confiança» a misericórdia do Senhor. Fazendo-se companheiro de caminho dos sacerdotes, Francisco infunde-lhes «ânimo» e convida-os, a exemplo e com a ajuda de Maria, a «louvar» o Senhor, que nunca abandona os seus filhos. «Deixemos – concluiu – que seja a gratidão a suscitar o louvor e nos encoraje mais uma vez na missão de unguir os nossos irmãos na esperança; nos encoraje a ser homens que testemunhem com a sua vida a compaixão e misericórdia que só Jesus nos pode dar».

PÁGINAS 6-9

O presidente do país e o líder da Renamo põem oficialmente fim às hostilidades

## Histórico acordo de paz em Moçambique

No dia 1 de agosto, o presidente de Moçambique, Filipe Nyusi, e o líder da Resistência Nacional Moçambicana (Renamo), Ossufo Momade, assinaram o acordo de paz que oficialmente põe fim às hostilidades após o cessar-fogo estabelecido em 1992. O próprio Nyusi, de acordo com o jornal «O País», declarou que «o acordo prevê a cessação formal dos conflitos entre as forças de defesa e segurança de Moçambique e a ala armada da oposição» e evidenciou que o entendimento representa «um momento histórico que reafirma a esperança num futuro luminoso».

O acordo foi assinado na floresta de Gorongosa, cidade localizada na província de Sofala, no centro de Moçambique, considerada um reduto da oposição. Na segunda-feira anterior – conforme anunciou o presidente – teve início o processo de «desarmamento, desmobilização e reintegração» do braço armado da Renamo. O governo recebeu uma lista de combatentes que devem ir a Maputo nestes dias para se unirem às forças poli-



*Abraço entre Filipe Nyusi, à esquerda, e Ossufo Momade depois da assinatura do acordo de paz (Ansa)*

ciais. Isto conclui as longas negociações de paz iniciadas pelos líderes do partido no poder e pelo antecessor de Momade, Afonso Dhlakama, falecido em maio de 2018.

A guerra civil em Moçambique começou após a independência de Portugal, conquistada em 1975, e continuou entre os apoiantes da Renamo e as forças do partido no poder, a Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo), durante mais de 15 anos, causando cerca de um milhão de mortos. Com a trégua de 1992, a Renamo tornou-se o principal partido da oposição, contudo mantendo os grupos militarizados.

Entre 2013 e 2016 a paz foi interrompida por conflitos armados entre o exército regular e os rebeldes da Renamo. Em particular, a tensão aumentou depois das eleições gerais de 2014, quando a Renamo contestou os resultados alegando vitória em seis províncias, atribuídas à Frelimo. Novas eleições gerais no país estão previstas para o dia 15 de outubro.

Publicamos um excerto do livro "Il Sinodo per l'Amazzonia" (Cinisello Balsamo, Edições Paulinas, 2019, 158 páginas) do cardeal presidente da Rede Eclesial Pan-Amazônica (Repam).

CLÁUDIO HUMMES

Assim como os dois discípulos de Emaús, tristes e desiludidos com a morte do mestre na cruz, ou como Pedro e os seus companheiros de pesca, parados na praia, desanimados por não terem pescado nada durante toda a noite, também a Igreja, às vezes, fica enredada neste estado de espírito, diante de situações que parecem ir sempre de mal a pior, ou devido à esterilidade do seu trabalho pastoral.

O Papa Francisco falou desta dificuldade durante o encontro com os bispos brasileiros por ocasião da Jornada Mundial da Juventude, no Rio de Janeiro, em 2013: «Hoje é cada vez mais urgente nos perguntarmos: O que Deus pede a nós? A esta pergunta, queria tentar oferecer qualquer linha de resposta. Antes de mais nada, não devemos ceder ao medo (...). Não devemos ceder ao desencanto, ao desânimo, às lamentações. Nós trabalhamos duro e, às vezes, nos parece acabar derrotados: apodera-se de nós o sentimento de quem tem de fazer o balanço de uma estação já perdida, olhando para aqueles que nos deixam ou já não nos consideram credíveis, relevantes».

O sínodo deverá tornar-se um momento forte para reacender as esperanças frustradas e superar os sentimentos de desânimo. Terá a tarefa de reacender a paixão missionária, renovando a certeza e a alegria da chamada de Deus para a missão.

Diante do afastamento de muitos cristãos ou da sua migração para outras confissões religiosas, o Papa, no discurso citado anteriormente, diz ainda: «Talvez a Igreja lhes apareça demasiado frágil, talvez demasiado longe das suas necessidades, talvez demasiado pobre para dar resposta às suas inquietações, talvez demasiado fria para com elas, talvez demasiado autorreferencial, talvez prisioneira da própria linguagem rígida (...). O fato é que hoje há muitos que são como os dois discípulos de Emaús; e não apenas aqueles que buscam respostas nos novos e difusos grupos religiosos, mas também



## Relançar uma Igreja próxima e dialogante

### Objetivo do sínodo para a Amazônia

aqueles que parecem já viver sem Deus tanto em teoria como na prática».

Também a Igreja na Amazônia se confronta com tal situação. Muitos católicos de longa tradição migram para as chamadas Igrejas (neo) pentecostais, ou distanciam-se de qualquer Igreja. Isto acontece nas cidades, mas também nas comunidades indígenas. Parece que a colheita de séculos de missão está a perder-se. O Papa diz: «Faz falta uma Igreja que não tenha medo de entrar na noite deles. Precisamos de uma Igreja capaz de encontrá-los no seu caminho. Precisamos de uma Igreja capaz de inserir-se na sua conversa. Precisamos de uma Igreja que saiba dialogar com aqueles discípulos, que, fugindo de Jerusalém, vagam sem meta, sozinhos, com o seu próprio desencanto». Mais adiante, acrescenta: «Eu gostaria que hoje nos perguntássemos todos: Somos ainda uma Igreja capaz de aquecer o coração? Uma Igreja capaz de reconduzir a Jerusalém? Capaz de acompanhar de novo a casa?».

No mesmo discurso aos bispos brasileiros, o Papa Francisco dá ênfase especial à Igreja na Amazônia. O Papa acredita que a Amazônia constitui um teste decisivo para a Igreja. Na Amazônia, a Igreja deve ser perseverante e ao mesmo tempo audaz. Inclusive nessa região se pode perder a colheita de séculos de trabalho, se não houver uma conversão missionária e pastoral. Também lá, diz o Papa, a Igreja precisa de um forte relançamento: «Gostaria de acrescentar que

(na Amazônia) o trabalho da Igreja precisa de ser relançado». Não há mais tempo a perder. É urgente agir. Esta preocupação e solicitude estão na origem da decisão que o Papa tomou de convocar um sínodo especial para a Amazônia. A situação dos povos indígenas terá a mais alta prioridade, mas o sínodo diz respeito a todo o corpo eclesial local, com a totalidade da sua população.

Portanto, o objetivo do sínodo é "relançar a Igreja", uma Igreja missionária, profética, misericordiosa, pobre e para os pobres, uma Igreja próxima e em diálogo, que cuide inclusive da casa comum. Os povos indígenas clamam por uma Igreja mais próxima também fisicamente. Querem uma Igreja que se empenhe firmemente em iniciar um processo de conversão missionária

e pastoral, encarnada e inculturada nas culturas da região, por conseguinte intercultural, dado que no território coexistem muitas culturas diferentes. Deste modo, abre-se um horizonte muito vasto para o sínodo: vasto, mas não genérico nem desprovido de uma orientação específica. De facto, o Papa insiste que não se deve perder o objetivo. As finalidades desta meta são sobretudo "os novos caminhos", "os povos indígenas" e "a ecologia integral".

No início do novo milénio, o Papa João Paulo II exortou a Igreja a não se desencorajar nem se deixar intimidar. Ele queria dar um novo impulso à Igreja. Na Carta Apostólica *Novo millennio ineunte*, de 2001, o Papa começa com estas palavras: «No início do novo milénio quando se encerra o Grande Jubileu, em que celebrámos os dois mil anos do nascimento de Jesus, e um novo percurso de estrada se abre para a Igreja, ressoam no nosso coração as palavras com que um dia Jesus, depois de ter falado às multidões a partir da barca de Simão, convidou o Apóstolo a "fazer-se ao largo" para a pesca: "Duc in altum" (Lc 5, 4). Pedro e os primeiros companheiros confiaram na palavra de Cristo e lançaram as redes. "Assim fizeram e apanharam uma grande quantidade de peixe" (Lc 5, 6). *Duc in altum!* Estas palavras ressoam hoje aos nossos ouvidos, convidando-nos a lembrar com gratidão o passado, a viver com paixão o presente, abrir-se com confiança ao futuro» (n. 1).

L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL EM PORTUGUÊS  
Unicuique suum Non praevalebunt

Cidade do Vaticano  
ed.portugues@ossrom.va  
www.osservatoreromano.va

ANDREA MONDA  
diretor

Giuseppe Fiorentino  
vice-diretor

Redação  
via del Pellegrino, 00120 Cidade do Vaticano  
telefone +39069899420  
fax +39069883975

TIPOGRAFIA VATICANA EDITRICE  
L'OSSERVATORE ROMANO

Serviço fotográfico  
telefone +390669884797  
fax +390669884998  
photo@ossrom.va

Assinaturas: Itália - Vaticano: € 38,00; Europa: € 100,00 - U.S. \$ 148,00; América Latina, África, Ásia: € 110,00 - U.S. \$ 160,00; América do Norte, Oceânia: € 162,00 - U.S. \$ 240,00.

Administração: telefone +390669899480; fax +390669883164; e-mail: assinaturas@ossrom.va

Para o Brasil: Impressão, Distribuição e Administração: Editora santuário, televidens: 0800-160004, fax: 00531231042036, e-mail: sac@editorasantuario.com.br

Publicidade Il Sole 24 Ore S.p.A., System Comunicazione Pubblicitaria, Via Monte Rosa, 91, 20149 Milano, segreteria@ilsole24ore.com



Para o Papa a prostituição é redução à escravidão

## Sangue inocente derramado pelas estradas do mundo

*Intitula-se «Donne crocifisse – La vergogna della tratta raccontata dalla strada» [Mulheres crucificadas – A vergonha do tráfico narrada a partir da rua] (Rubbettino Editore, Soveria Mannelli, 2019, 219 páginas), o volume do padre Aldo Bonaiuto, com o prefácio do Papa Francisco – cujo texto publicamos na íntegra – nas livrarias desde a vigília do Dia internacional contra o tráfico de seres humanos, celebrado pela Organização das nações unidas a 30 de julho. O autor segue os passos do padre Oreste Benzi como sacerdote no seio da comunidade Papa João XXIII. Nomeado pelo Papa Francisco “missionário da misericórdia”, ele fundou e hoje dirige o diário digital «In Terris» e, como presidente da associação “Pace in Terra”, promove iniciativas internacionais como o Dia do migrante desconhecido e a moratória contra a legalização de qualquer forma de escravidão.*

Quando, numa das Sextas-Feiras da Misericórdia, durante o Ano Santo Extraordinário, entrei na casa de recuperação da Comunidade Papa João XXIII, não pensei que ali teria encontrado mulheres tão humilhadas, abaladas, provadas. Na realidade, mulheres crucificadas. Na sala onde me encontrei com as jovens libertadas do tráfico da prostituição forçada, respirei toda a dor, a injustiça e o efeito da opressão. Uma oportunidade para rever as feridas de Cristo. Depois de



*Visita do Papa Francisco a uma casa romana da associação Comunidade Papa João XXIII que hospeda mulheres resgatadas da escravidão da extorsão da prostituição (12 de agosto de 2016)*

ter ouvido as histórias comoventes e deveras humanas daquelas pobres mulheres, algumas delas com uma criança no colo, senti um forte desejo, quase a exigência de lhes pedir perdão pelas verdadeiras torturas que tiveram de suportar por causa dos clientes, muitos dos quais se definem cristãos.

Mais um estímulo para rezar a fim de que sejam acolhidas as viti-

mas da prostituição forçada e da violência. Uma pessoa nunca pode ser colocada à venda. É por isso que me sinto feliz por poder dar a conhecer o precioso e corajoso trabalho de resgate e reabilitação que o autor deste livro, padre Aldo Bonaiuto, continua a levar a cabo há muitos anos, seguindo o carisma de Oreste Benzi. Isso também implica a disponibilidade a expor-se aos perigos e retaliações da cri-

minalidade, que fez dessas jovens uma fonte inesgotável de lucros ilícitos e vergonhosos.

Gostaria que este livro recebesse atenção no âmbito mais amplo possível a fim de que, conhecendo as histórias que estão por detrás dos números assustadores do tráfico, se possa compreender que, sem impedir uma procura tão elevada por parte dos clientes, não seremos capazes de combater eficazmente a exploração e a humilhação de vidas inocentes.

A corrupção é uma doença que não se debela sozinha; é necessária uma tomada de consciência a nível individual e coletivo, inclusive como Igreja, para ajudar verdadeiramente estas nossas irmãs desafortunadas e para evitar que a iniquidade do mundo recaia sobre as criaturas mais frágeis e indefesas. Qualquer forma de prostituição é uma redução à escravidão, um ato criminoso, um vício nojento que confunde fazer amor com desabafar os instintos, torturando uma mulher inermemente. Trata-se de uma ferida na consciência coletiva, de um desvio do imaginário corrente. É patológica a mentalidade segundo a qual uma mulher deve ser explorada como se fosse uma mercadoria, para ser usada e depois descartada. É uma doença da humanidade, uma forma errada de pensar da sociedade. Libertar estas pobres escravas constitui um gesto de misericórdia e um dever para todos os homens de boa vontade. O seu grito de dor não pode deixar indiferentes os indivíduos nem as instituições. Ninguém deve fingir que não vê, nem lavar as mãos do sangue inocente que é derramado pelas estradas do mundo.

Cidade do Vaticano,  
9 de julho de 2019.

FRANCISCO

## A rota da África para a Europa

FAUSTA SPERANZA

Para as organizações criminosas africanas, o tráfico de seres humanos tornou-se o negócio principal, embora ainda seja subestimado. Das armas às drogas, do contrabando de petróleo aos medicamentos falsificados, até à fraude online: o campo dos interesses ilícitos é vasto, mas segundo o último relatório do Centro de estudos internacionais, publicado na primavera passada, o tráfico de seres humanos é o “mercado” do presente e do futuro, porque a procura de viagens da África para a Europa cresceu e calcula-se que deverá aumentar ainda mais nos próximos anos, devido a fatores demográficos e económicos. Quem não conseguir viajar legalmente, irá aumentar os lucros dos traficantes. Mulheres e homens desesperados, em fuga dos conflitos, da crise económica e também do aquecimento global que torna árida a terra. Uma miséria da qual se aproveitar para aumentar a própria força de trabalho.

Do transporte à exploração de seres humanos: a criminalidade organizada africana ocupa-se de todos os aspetos do tráfico: recrutamento de potenciais migrantes, canais de tráfico de droga ou percursos para a iniciação à prostituição, passando pelos transportes. A travessia começa por via terrestre: passa-se dos lugares de origem para o litoral do norte da África, atravessando os países da faixa do Sahel. Os arredores da cidade de Agadez, no Níger, funcionam como ponto de articulação.

O relatório demonstra que o problema é subestimado, considerando que os holofotes ficaram centrados principalmente no terrorismo e, em particular, no jihadismo. Cones de sombra que fizeram a fortuna dos gru-

pos criminosos, permitindo que eles crescessem e se fortalecessem, até se tornarem um «crescente fenómeno territorial, muito mais vasto do que o terrorismo e capaz de movimentar mais capital, bem como de aceder a muitos mais mercados ilícitos», como se lê no relatório. Algumas “irmandades”, este é o nome com o qual as máfias africanas são conhecidas, conseguem ter um volume de negócios superior ao de regiões inteiras do continente. O seu alcance é global, abrangendo a África, a América e a Europa.

A organização é minuciosa. É suficiente pensar nos traficantes que, reunidos num cartel chamado *Bureau des passeurs* (Gabinete de contrabandistas), dispõem de frotas inteiras de pick-ups e veículos off-road, mas especialmente de “burocracias informais”. Alianças com a *camorra*, a *ndrangheta* e os colarinhos brancos na Itália, um território às margens do Mediterrâneo, fazem o resto.

Para termos uma ideia da vastidão do fenómeno que atinge a África, basta recordar os números de desembarques: não obstante os fluxos migratórios tenham diminuído gradualmente nos últimos anos, a rota do Mediterrâneo central continua a ser uma das direções preferidas para a imigração regular, mas sobretudo irregular, dos países subsarianos e, de modo mais geral, da África continental. De acordo com dados do Alto comissariado da Onu para os refugiados, até meados de julho de 2019 à Europa chegaram mais de trinta mil, dos quais mais de três mil à Itália, mais de quinze mil à Grécia e quase doze mil à Espanha. E com a imigração irregular, a violação dos direitos humanos permanece constante.

Aprovados os estatutos do pontifício Instituto teológico «João Paulo II»

## Entre fé e realidade

*Foram aprovados os estatutos e o ordenamento dos estudos do pontifício Instituto teológico «João Paulo II» para as ciências do matrimônio e da família. Publicamos a seguir o comentário do reitor.*

PIERANGELO SEQUERI

A contribuição da investigação teológica para a cultura cristã e para a cultura humana no seu conjunto não pode continuar a ser o tema de um simples reconhecimento de princípios. A qualidade do seu trabalho – do pensamento e da pesquisa, da formação e da orientação – deve tornar-se apreciável no campo, com referência à inteligência da fé e da realidade que ela é capaz de suscitar e de colocar em circulação.

Hoje o “princípio de realidade” deve ser considerado um tema crucial para a seriedade e o rigor do “pensamento da fé”. O áureo adágio tomista, que orienta com audácia a íntima inteligência da fé para a intencionalidade realista do saber (*fides non terminatur ad enuntiabile sed ad rem*, a fé não se resolve em última análise na fórmula, mas na realidade), nunca foi tão atual. A inteligência da fé e a inteligência da realidade vivem em estreita simbiose, ou não vivem absolutamente. Neste sentido, a teologia não se afasta de modo algum da atitude da sua tentativa de iluminar a realidade: aquela aberta pela Revelação, acolhida na fé, culminando na realidade de Jesus Cristo, e aquela descerrada no dinamismo de criatura do mundo habitado e da história humana, que no evento de Jesus Cristo reconhece o seu enraizamento na intimidade do amor de Deus e a promessa da sua redenção alcançada no seio de Deus.

A íntima união da fé e da realidade, que forma o horizonte do ministério teológico, destinado a fortalecer a admirável contemplação da obra de Deus e o sereno júbilo da evangelização da criatura humana, é também o eixo fundamental da disposição ao diálogo e ao discernimento crítico com o qual a teologia se move nas diferentes formas de saber humano a respeito da realidade e do sentido das coisas e da vida. Esta orientação, seguida de maneira franca e transparente, honra a qualidade não ideológica e autorreferencial da prática teológica, enquanto a torna livre de permanecer estritamente coerente com o testemunho da verdade que a compromete por causa da fé. «As escolas de teologia renovam-se com a prática do discernimento e com um modo de proceder dialógico capaz de criar um clima espiritual e de prática intelectual correspondente [...] Um diálogo capaz de integrar o critério vivo da Páscoa de Jesus com o movimento da analogia, que lê na realidade, na criação e na história nexos, sinais e referências teológicas» (Francisco, *Discurso à pontifícia Faculdade teológica da Itália meridional*, Nápoles, 21 de junho de 2019).

A aprovação dos estatutos do pontifício Instituto teológico «João Paulo II» para as ciências do matrimônio e da família inaugura e apoia a nova fase operacional da sua adaptação a estes critérios, inspiradores da inteligência crente e da cultura cristã, exigidos da missão eclesial nesta época alterada. As linhas fundamentais dessa adaptação, com a estrutura disciplinar que delimita a fisionomia do seu exercício institucional, no âmbito da variedade de formas acadêmicas

que, na Igreja, são dedicadas à pesquisa e à formação do pensamento cristão, foram confiadas ao texto da Constituição Apostólica *Veritatis gaudium*, do Papa Francisco. As instâncias de renovação, atribuídas de modo especial ao nosso Instituto teológico, foram explicitamente confiadas pelo Papa às indicações essenciais da Carta Apostólica sob forma de motu proprio *Summa familiae cura*, e depois enriquecidas pelos discursos dirigidos, em várias circunstâncias, às autoridades e a toda a comunidade do Instituto.

Quais são as diretrizes da renovação que, consequentemente, definirão a nova configuração? Em primeiro lugar, a expansão e o fortalecimento (novas cátedras, novos professores) dos dois “polos” dos quais vive a especificidade da missão originalmente confiada ao Instituto: ou seja, o teológico-pastoral e o antropológico-cultural. O primeiro será generosamente integrado, conferindo importância sistêmica ao aprofundamento da teologia da forma cristã de fé, da eclesiologia da comunidade e da missão evangélica, da antropologia do amor humano e teologal, da ética teológica global da vida, da espiritualidade e da transmissão da fé na cidade secular. O segundo, em particular, será substancialmente reformulado em correspondência com a necessidade urgente de atualizar o confronto e o diálogo do pensamento e da cultura cristã nos âmbitos do direito comparado (religioso e civil), da sociologia das transformações econômicas, políticas e tecnológicas da comunidade, do papel das instituições familiares na formação do ser humano e na articulação dos organismos intermediários, destinados à integração ética e afetiva do vínculo social.

Os dois polos serão redesenhados, de maneira a contribuir para a sua plena harmonização no contexto de uma investigação e formação cristã unitária e de alto perfil. Ao mesmo tempo, a sua organização permitir-lhes-á obter currículos de especialização que visem a qualificação de competências especializadas nas duas áreas distintas, com adequado reconhecimento acadêmico e possibilidade de investimento orientado nas instituições eclesiais e civis de vários países. Neste sentido, será apresentada também uma ponderada oferta de cursos complementares, confiados a especialistas de competência reconhecida (realizados em sede ou em idóneas instituições universitárias afiliadas, em primeiro lugar a pontifícia Universidade lateranense, o nosso referente eleito).

Por conseguinte, o novo Instituto «João Paulo II» tenciona honrar as razões profundas, e sempre válidas, da tradição fundadora que o precede, elevando-se ainda mais decisivamente à altura do novo alcance global assumido pelo objeto que define a sua missão teológica e cultural. Nesta fase, o Instituto pretende fazê-lo não só confirmando – e aliás incrementando, em quantidade e qualidade – os instrumentos da sua proje-



Marc Chagall, «La famille et le coq rouge» (1952)

ção internacional, mas adquirindo também uma capacidade de interlocução (teológica, cultural, acadêmica) de alcance global: quer através do ulterior fortalecimento do corpo docente, que possa enriquecer uma comunidade de investigação à qual está confiada a missão de interagir, em espírito de cooperação e sem sombra de sujeição, com os horizontes mais amplos e as forças intelectuais mais vivas; quer mediante a preparação de percursos de formação dedicados e diferenciados, em vista da melhor valorização das atitudes e dos diferentes destinos dos estudantes, no âmbito das Igrejas locais e em ordem à missão eclesial universal.

Obviamente, a nossa esperança é de merecer, também desta forma, a confiança dos pastores da Igreja, apoiando o seu serviço à comunidade de fé, num âmbito tão delicado e estratégico para a comunicação da fé católica e para a interpretação da realidade humana. De resto, o nosso compromisso pretende honrar da melhor maneira a nossa especial prerrogativa de Instituto teológico “pontifício”, isto é, estreitamente vinculado ao ministério supremo e universal do sucessor de Pedro. A confiança que o Papa Francisco nos concedeu, e de muitas maneiras renovou, é um ponto de honra, certamente não secundário, para o nosso compromisso no serviço fiel a uma Igreja credivelmente encorajada a libertar-se de qualquer autorreferencialidade temerosa, para a tarefa de dar testemunho de uma verdade evangélica que se doa com alegria. Com toda a humildade e com firme certeza, estamos persuadidos de que ambos nos são dados pela fé, que o Espírito conserva tesouros de sabedoria para a missão dos discípulos, destinada precisamente para a nossa época.

Em Santa Marta

## O Papa encontrou-se com um grupo de fiéis da Papua-Nova Guiné

Um "fragmento" da Oceânia no Vaticano, com as cores e os sons de terras longínquas: com efeito, na manhã de terça-feira, 30 de julho, o Papa Francisco encontrou-se na casa Santa Marta com uma peregrinação de fiéis provenientes da Papua-Nova Guiné.

O grupo, composto predominantemente por mulheres, foi acompanhado pelo padre Martín Prado, missionário do Instituto do Verbo Encarnado (Ive) e pároco na diocese de Vanimo.

Os peregrinos estavam vestidos com as cores da bandeira nacional, na qual estão reproduzidos a ave do paraíso e a constelação do cruzeiro do sul.

No final do encontro, durante o qual eles falaram a respeito da situação no próprio país e entoaram alguns cânticos tradicionais, o Pontífice concedeu-lhes a Bênção apostólica.



## Francisco visitou a casa Regina mundi

Sede provincial das Filhas da caridade de São Vicente de Paulo



Saída surpresa para o Papa Francisco que, na tarde de domingo, 28 de julho, deixou o Vaticano para ir visitar a casa religiosa Regina mundi, das Filhas da caridade de São Vicente de Paulo.

O Pontífice quis transmitir a sua saudação pessoal à irmã Maria Mucci, que durante muitos anos prestou serviço na Domus Sanctae Marthae e agora está hospitalizada na enfermaria da casa provincial das Vicentinas.

A irmã Maria, 74 anos, é uma verdadeira instituição em Santa Marta, onde começou a prestar serviço ainda antes de emitir os votos. «Ultimamente, ocupava-se da cozinha e orgulhava-se em poder providenciar pessoalmente os legumes para o Santo Padre», confidenciou a irmã Stefania a «L'Osservatore Romano». Em outubro ela teve que se submeter a uma delicada operação cirúrgica e ainda hoje passa por um período de convalescença. Na Domus, além do compromisso da irmã Maria Maria em atividades práticas, ela recorda também «a sua intensa presença com a oração». Um caráter humanamente generoso, revelado por um detalhe divulgado depois da visita. Descrevendo com emoção os momentos em que cumprimentava o Papa, a irmã Maria disse: «Imaginem! A minha doença tornou felizes todas as irmãs da casa Regina mundi, que puderam encontrar-se com o Papa!». Durante a visita à casa, na rua Albergoiti, no bairro romano Boccea, o Pontífice pôde contemplar também a relíquia da t-shirt manchada de sangue de São João Paulo II, doada às religiosas quando o Papa Wojtyła foi levado à Policlínica Gemelli, logo após o atentado, e no final da visita abençoou as irmãs, os empregados e os hóspedes da casa.

Mensagem vídeo ao Congresso missionário indonésio

## Sempre em frente!

«O cristão caminha sempre em frente, diz a Bíblia, nós não somos pessoas que caminham para trás, não: pessoas que vão para a frente, sempre. Quando se volta para trás, não se é cristão». Estas são as palavras da mensagem vídeo com as quais o Papa Francisco quis encorajar os cristãos indonésios que, em Jacarta, realizaram o congresso missionário nacional. A mensagem do Papa foi difundida durante a cerimónia de abertura a 1 de agosto. Os trabalhos concluíram-se no domingo, dia 4.

Na sua breve reflexão, o Papa inspirou-se no tema escolhido para o congresso: «Batizado e enviado». Porque, explicou, «quando somos batizados, recebemos o Espírito Santo, que é um tesouro; recebemos a mensagem de Jesus, o Evangelho dentro de nós. Quando se tem algo bonito, e se

entusiasma com ele, sente-se a necessidade de levar adiante e de o oferecer aos outros.

«Batizado e enviado», afirmou, são as palavras que «devem ser o fio condutor deste congresso», mas também sugerir uma questão a formular-se: «Como vivo o meu batismo? Na minha vida pessoal, mas também como fermento, fermento social, na comunidade, para anunciar a mensagem de Jesus».

Em particular, refletindo sobre a palavra «enviado», o Pontífice frisou que «o cristão vai em frente» e é precisamente «o Espírito Santo que me impele a ir adiante. Portanto, coragem, em frente, sempre em frente: batizados e enviados». E concluiu: «Rezai por isto, para que Nossa Senhora vos ampare e vos ajude a seguir em frente. Rezai também por mim».





O Papa Francisco escreveu aos sacerdotes do mundo inteiro por ocasião do 160º aniversário da morte do Santo Cura d'Ars

# Aos meus irmãos presbíteros

Partilhando a dor pelo escândalo dos abusos, o Pontífice consolou quantos servem diariamente o povo de Deus

*«Dirijo-me a cada um de vós que tantas vezes, de forma imperceptível e sacrificada, no cansaço ou na fadiga, na doença ou na desolação, assumis a missão como um serviço a Deus e ao seu povo e, mesmo com todas as dificuldades do caminho, escreveis as páginas mais belas da vida sacerdotal». No dia 4 de agosto, 160º aniversário da morte do Santo Cura d'Ars, padroeiro dos párocos, o Papa Francisco escreveu aos sacerdotes do mundo inteiro uma carta cujo texto passamos a publicar.*



Aos meus irmãos presbíteros

Queridos irmãos! Estamos a comemorar cento e sessenta anos da morte do Santo Cura d'Ars, que Pio XI propôs como patrono de todos os párocos do mundo! Quero, na sua memória litúrgica, dirigir esta Carta não só aos párocos, mas a todos vós, irmãos presbíteros, que sem fazer alarde

«deixais tudo» para vos empenhar na vida quotidiana das vossas comunidades; a vós que, como o Cura d'Ars, labutais na «trincheira», aguentais o peso do dia e do calor (cf. *Mt* 20, 12) e, sujeitos a uma infinidade de situações, enfrentais diariamente e sem vos dar conta de importância para que o povo de Deus seja cuidado e acompanhado. Dirijo-me a cada um de vós que tantas vezes, de forma imperceptível e sacrificada, no cansaço ou na fadiga, na doença ou na desolação, assumis a missão como um serviço a Deus e ao seu povo e, mesmo com todas as dificuldades do caminho, escreveis as páginas mais belas da vida sacerdotal.

Há algum tempo, manifestava aos bispos italianos a preocupação pelos nossos sacerdotes que, em várias regiões, se sentem achincalhados e «culpabilizados» por causa de crimes que não cometeram; dizia-lhes que eles precisam de encontrar no seu bispo a figura do irmão mais velho e o pai que os encoraje nestes tempos difíceis, os estimule e apoie no caminho.<sup>2</sup>

Como irmão mais velho e pai, também eu quero estar perto, em primeiro lugar para vos agradecer em nome do santo Povo fiel de Deus tudo o que ele recebe de vós e, por minha vez, *encarregar-vos* a lembrar as palavras que o Senhor pronunciou com tanta ternura no dia da nossa Ordenação e que constituem a fonte da nossa alegria: «Já não só aos párocos, mas a todos vós, irmãos meus amigos» (*Jó* 15, 15).<sup>3</sup>

## Uma carta para encorajar e apoiar

ANDREA TORNIELLI

O drama dos abusos, o grito assustado das vítimas de pessoas que jamais teriam imaginado, pesa como chumbo na vida de todos os sacerdotes. Há presbíteros que são vistos com desprezo, com suspeita, por culpados que não têm, mas que permanecem como feridas abertas para todo o corpo eclesial.

Com a carta aos sacerdotes por ocasião dos cento e sessenta anos da morte do Santo Cura d'Ars, modelo de sacerdote que viveu ao serviço do povo de Deus, o Papa Francisco – que não deixou de enfrentar o dever da denúncia e da repressão, quando necessário – responde agradecendo o «céptico silêncio dos sacerdotes que não traíram a fé nem a confiança». Nesta carta, assinada na Basílica de São João de Latrão, sede do Bispo de Roma, que parece evidenciar que a escreveu como pastor e Bispo de Roma, o Papa manifesta proximidade, apoio e conforto a todos os sacerdotes do mundo.

Aos sacerdotes que todos os dias, muitas vezes com dificuldades, desafiando desilusões e incompreensões, deixam as portas das igrejas abertas e celebram os sacramentos. Aos padres que, vencendo a tristeza e a habitualidade, continuam a apostar n'Ele acolhendo os que precisam de uma palavra, de conforto, de acompanhamento. Aos padres que diariamente visitam o seu povo, doando-se sem reservas, chorando com os que choram, alegrando-se com

### TRIBULAÇÃO

«Vi a opressão do meu povo»  
(*Êx* 3, 7)

Nos últimos tempos, pudemos ouvir mais claramente o clamor – muitas vezes silencioso e silenciado – de irmãos nossos, vítimas de abusos de poder, de consciência e sexuais por parte de ministros ordenados. Sem dúvida, é um período de sofrimento na vida das vítimas, que padeceram diferentes formas de abuso, e também para as suas famílias e para todo o Povo de Deus.

Como sabeis, estamos firmemente empenhados na atuação das reformas necessárias para promover, a partir da raiz, uma cultura baseada no cuidado pastoral, de tal forma que a cultura do abuso não consiga encontrar espaço para desenvolver-se e, menos ainda, perpetuar-se. Não é tarefa fácil nem de curto prazo; requer o empenho de todos. Se, no passado, a omissão pôde transformar-se numa forma de resposta, hoje queremos que a conversão, a transparência, a sinceridade e a solidariedade com as vítimas se tornem na nossa maneira de fazer a história e nos ajudem a estar mais atentos a todos os sofrimentos humanos.<sup>4</sup>

E esta tribulação não deixa indiferentes os presbíteros. Pode constatá-lo nas várias visitas pastorais, tanto na minha diocese como noutras onde tive oportunidade de encontrar e falar pessoalmente com os sacerdotes. Muitos deles manifestaram a própria indignação pelo

que aconteceu e também uma espécie de impotência, já que, além do «desgaste pela entrega, experimentaram o dano que provoca a suspeita e a constatação, que pode ter insinuado – em alguns ou muitos – a dúvida, o medo e a difidência».<sup>5</sup> São numerosas as cartas de sacerdotes que partilham este sentimento. Por outro lado, consola encontrar pastores que, ao constatar e conhecer o sofrimento das vítimas e do Povo de Deus, se mobilizam, procuram palavras e percursos de esperança.

Sem negar nem ignorar o dano causado por alguns dos nossos irmãos, seria injusto não reconhecer que tantos sacerdotes, de maneira constante e íntegra, oferecem tudo o que são e têm pelo bem dos outros (cf. *2 Cor* 12, 15) e vivem uma paternidade espiritual capaz de chorar com os que choram; há muitos padres que fazem da sua vida uma obra de misericórdia em regiões ou situações frequentemente inóspitas, remotas ou abandonadas, mesmo a risco da própria vida. Reconheço e agradeço o vosso exemplo corajoso e constante que, em momentos de turbulência, vergonha e sofrimento, nos mostra que vós continuais a entregar-vos com alegria pelo Evangelho.<sup>6</sup>

Estou convencido de que, na medida em que formos fiéis à vontade de Deus, os tempos da purificação eclesial que estamos a viver nos tornarão mais alegres e simples e, num futuro não muito distante, serão muito fecundos. «Não desanimemos! O Senhor está a purificar a sua Esposa e, a todos, nos está convertendo a Ele. Permite-nos experimentar a prova, para compreendemos que, sem Ele, somos pó. Está-nos a salvar da hipocrisia e da espiritualidade das aparências. Está a soprar o seu Espírito, para restaurar a beleza da sua Esposa surpreendida em flagrante adultério. Hoje far-nos-á bem ler o capítulo 16 de Ezequiel. Aquela é a história da Igreja. Aquela – poderá dizer cada um de nós – é a minha história. E no final, através da sua vingança, continuarás to-



ser um pastor. O nosso arrependimento humilde, que permanece em silêncio, em lágrimas perante a monstruosidade do pecado e a insondável grandeza do perdão de Deus, é o início renovado da nossa santidade».<sup>7</sup>

### GRATIDÃO

«Não cesso de dar graças a Deus por vós» (*Êf* 1, 16)

Mais do que uma escolha nossa, a vocação é resposta a uma chamada gratuita do Senhor. É bom voltar uma vez e outra àquelas passagens evangélicas, onde vemos Jesus agir, escolher e chamar «para estarem com Ele e para os enviar a pregar» (*Mt* 3, 14; cf. *Lc* 6, 12-13).

Gostaria de lembrar aqui um grande mestre de vida sacerdotal do meu país natal, o padre Lúcio Cera, que, dirigindo-se a um grupo de sacerdotes em tempos de muitas provocações na América Latina, lhes dizia: «Sempre, mas sobretudo nas provocações, devemos voltar àquelas momentos luminosos em que experimentamos a chamada do Senhor para consagrar toda a nossa vida ao seu serviço». À isto, aprez-me chamar-lhe «a memória deuteronomica da vocação», que nos permite retomar «aquele ponto incandescente em que a graça de Deus me tocou no início do caminho e com aquela centelha posso acender o fogo para o dia de hoje, para cada dia, e levar calor e luz aos meus irmãos e às minhas irmãs. Daquela centelha, acende-se uma alegria humilde, uma alegria que não ofende o sofrimento e o desespero, uma alegria boa e serena».<sup>8</sup>

Um dia pronunciamos um «sim» que nasceu e cresceu no seio de uma comunidade cristã pela mão daqueles santos «ao pé da porta»<sup>9</sup> que nos mostraram, com fé simples, como valia a pena dar tudo pelo Senhor e o seu Reino. Um «sim», cujo alcance teve e terá uma transcendência insuspetada, não conseguida muitas vezes imaginar to-



São João Maria Vianney, Cura d'Ars

do o bem que foi e é capaz de gerar. Como é belo ver um padre idoso rodeado e visitado por aqueles pequeninos – hoje adultos – que ele batizou em seus infâncias e que vêm, com gratidão, apresentar-lhe a família! Então descobrimos que fomos ungidos para unir, e a união de Deus nunca dececiona e faz-me dizer com o Apóstolo: «Não cesso de dar graças a Deus por vós» (*Êf* 1, 16) e por todo o bem que fizestes.

Em momentos de dificuldade, fragilidade, bem como de fraqueza e manifestação dos nossos limites, quando a pior de todas as tentações é ficar a ruminar a desolação,<sup>10</sup> fragmentando o olhar, o juízo e o coração, nesses momentos é importante – atrever-me-ia a dizer crucial – não só não perder a memória agradecida da passagem do Senhor pela nossa vida, a memória do seu olhar misericordioso nos que convidou a apostar n'Ele e no seu Povo, mas também animar-se a pô-la em prática e, com o salmista, poder comport o nosso próprio cántico de louvor porque «é eterna a sua misericórdia» (*Sál* 136/135).

A gratidão é sempre uma «arma poderosa». Só se formos capazes de reconhecer e agradecer concretamente todos os gestos de amor, generosidade, solidariedade e confiança, bem como de perdão, paciência, suportação e compaixão com que fomos tratados, é que deixaremos o Espírito obsequiar-nos com aquele ar puro capaz de renovar («e não empachar») a nossa vida e missão. Deixemos que a constatação de tanto bem recebido faça, à semelhança de Pedro na manhã da «pesca milagrosa», despertar em nós a capacidade de deslumbramento e gratidão que nos leva a dizer: «Afasta-te de mim, Senhor, porque sou um homem pecador» (*Lc* 5, 8) e, mais uma vez, ouçamos da boca do Senhor a sua chamada: «Não te

nhas receio; de futuro, serás pescador de homens» (*Lc* 5, 10); porque «é eterna a sua misericórdia».

Irmãos, obrigado pela vossa fidelidade aos compromissos assumidos. Numa sociedade e numa cultura que transformou o «gostoso» em valor, é verdadeiramente significativa a existência de pessoas que apostem e procurem assumir compromissos que exigem toda a vida. Substancialmente, estamos a dizer que continuamos a acreditar em Deus que nunca quebrou a sua aliança, mesmo quando nós a quebramos vezes sem conta. Isto convida-nos a celebrar a fidelidade de Deus que, apesar dos nossos limites e pecados, não deixa de confiar, crer e apostar em nós, e convida-nos a fazer o mesmo. Cientes de trazer um tesouro em vasos de barro (cf. *2 Cor* 4, 7), sabemos que o Senhor Se manifesta vencedor na fraqueza (cf. *2 Cor* 12, 9), não deixa de nos sustentar e chamar, dando-nos cem por um (cf. *Mc* 10, 29-30), porque «é eterna a sua misericórdia».

Obrigado pela alegria com que sobstes entregar a vossa vida, mostrando um coração que, ao longo dos anos, lutou e luta para não se tornar mesquinho e amargo, mas ao invés deixar-se ampliar, diariamente, pelo amor de Deus e do seu povo; um coração que o tempo, como sucede com o bom vinho, não azedou, mas dotou-o de uma qualidade sempre mais requintada; porque «é eterna a sua misericórdia».

Obrigado por procurardes reforçar os vínculos de fraternidade e amizade no presbitério e com o vosso bispo, apoiando-vos mutuamente, cuidando de quem está doente, procurando aquele que se isola, encorajando e aprendendo a sabedoria do idoso, partilhando o bem, sabendo rir e chorar juntos... Como são necessários estes espúços! E inclusivamente sendo constantes

e perseverantes quando tivestes de assumir alguma missão áspere ou levar algum irmão a assumir as suas responsabilidades; porque «é eterna a sua misericórdia».

Obrigado pelo testemunho de perseverança e suportação (*hypomane*) na dedicação pastoral, que frequentemente, movidos pela ousadia (*parresía*) do pastor,<sup>11</sup> nos leva a lutar com o Senhor na oração, como Moisés naquela corajosa e até arriscada intercessão pelo povo (cf. *Nm* 14, 13-19; *Êx* 32, 30-32; *Dt* 9, 18-21); porque «é eterna a sua misericórdia».

Obrigado por celebrar diariamente a Eucaristia e apascentar com misericórdia no sacramento da Reconciliação, sem rigorismos nem laxismos, ocupando-se das pessoas e acompanhando-as no caminho da conversão à vida nova que o Senhor nos dá a todos. Sabemos que, através dos degraus da misericórdia, podemos descer até ao ponto mais baixo da nossa condição humana – fragilidade e pecados incluídos – e subir até ao ponto mais alto da perfeição divina: «Sede misericordiosos como o Pai é misericordioso».<sup>12</sup> Assim ser «capazes de aquecer o coração das pessoas, caminhar com elas na noite, saber dialogar e inclusive adentrar-se na sua noite e obscuridade sem se perder»;<sup>13</sup> porque «é eterna a sua misericórdia».

Obrigado por unir e anunciar a todos, com ardor, «em tempo propício e fora dele» (*2 Tm* 4, 2), o Evangelho de Jesus Cristo, sondando o coração da própria comunidade «para identificar onde está vivo e ardente o desejo de Deus e também onde é que este diálogo de amor foi sufocado, ou não pôde dar frutos»;<sup>14</sup> porque «é eterna a sua misericórdia».

Obrigado pelas vezes em que, deixando-vos entranhadamente comover, acolhestes os caídos, curastes as feridas, dando calor aos seus corações, mostrando ternura e compaixão como o samaritano da parábola (cf. *Lc* 10, 25-37). Nada é mais urgente do que isto: proximidade, vizinhança, abeirar-se da carne do irmão que sofre. Quanto bem faz o exemplo de um sacerdote que não evita, mas se aproxima das feridas dos seus irmãos!<sup>15</sup> É reflexo do coração do pastor que aprendeu o gosto espiritual de se sentir um só com o seu povo,<sup>16</sup> que não se esquece que saiu dele e que, só no seu serviço, encontrará e poderá desenvolver a sua identidade mais pura e plena, que lhe faz cultivar um estilo de vida austero e simples, sem aceitar privilégios que não têm o sabor do Evangelho; porque «é eterna a sua misericórdia».

Demos graças também pela santidade do Povo fiel de Deus, que somos convidados a apascentar e através do qual também o Senhor nos apascenta e cuida de nós com o dom de poder contemplar este povo «nos pais que criam os seus filhos com tanto amor; nos homens e mulheres que trabalham a fim de trazer o pão para casa, nos doentes, nas consagradas idosas que continuam a sorrir. Nesta constância de continuar a caminhar dia após dia, vejo a santidade da Igreja militante».<sup>17</sup> Agradecemos

## Aos meus irmãos presbíteros

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 7

por cada um deles e deixemo-nos ajudar e estimular pelo seu testemunho; porque «é eterna a sua misericórdia».

### ARDOR

«Tende ânimo nos vossos corações» (cf. *Cl* 2, 2)

Um segundo grande desejo meu, inspirando-me nas palavras de São Paulo, é fazer-vos companhia na renovação do nosso ardor sacerdotal, fruto sobretudo da ação do Espírito Santo em nossas vidas. Perante experiências dolorosas, todos nós precisamos de conforto e encorajamento. A missão a que fomos chamados não comporta ser imunes ao sofrimento, à dor e até à incompreensão;<sup>18</sup> pelo contrário, pede-nos para os enfrentar e assumir a fim de deixar que o Senhor os transforme e nos configure mais a Ele. «No fundo, a falta de um reconhecimento sincero, pesaroso e orante dos nossos limites é que impede a graça de atuar melhor em nós, pois não lhe deixa espaço para provocar aquele bem possível que se integra num caminho sincero e real de crescimento».<sup>19</sup>

Um bom «teste» para saber como está o nosso coração de pastor é perguntar-nos como enfrentamos a dor. Muitas vezes pode acontecer de nos comportar como o levita ou o sacerdote da parábola que passam do lado oposto e ignoram o homem que jaz por terra (cf. *Lc* 10, 31-32). Outros aproximam-se de forma errada, ou seja, intelectualizam o caso refugiando-se em frases comuns tais como «a vida é assim», «não se pode fazer nada», dando lugar ao fatalismo e ao desalento; ou aproximam-se com um leque de preferências seletivas cujo único resultado é isolamento e exclusão. «À semelhança do profeta Jonas, sempre permanece latente em nós a tentação de fugir para um lugar seguro, que pode ter muitos nomes: individualismo, espiritualismo, confinamento em mundos pequenos»,<sup>20</sup> os quais, longe de fazer com que as nossas entranhas se comovam, acabam por nos afastar das feridas próprias, das dos outros e, consequentemente, das feridas de Jesus.<sup>21</sup>

Nesta mesma linha, quero assinalar outra postura subtil e perigosa que, como gostava de dizer Bernanos, é «o mais precioso dos elixires do demónio»<sup>22</sup> e a mais nociva para quem deseja servir o Senhor, porque semeia desânimo, orfandade e leva ao desespero.<sup>23</sup> Desiludidos com a realidade, com a Igreja ou conosco mesmos, podemos cair na tentação de nos apegarmos a uma *tristeza adocicada* que os padres do Oriente chamavam de *acédia*. O cardeal Tomás Spidlik dizia: «Se nos assalta a tristeza pelo que a vida é, pela companhia dos outros, porque estamos sozinhos (...) então é porque temos falta de fé na Providência de Deus e na sua obra (...). A tristeza paralisa o ardor de continuar com o trabalho

e com a oração, torna-nos antipáticos aqueles que vivem ao nosso lado (...) Os monges, que dedicam uma longa descrição a este vício, chamam-no o pior inimigo da vida espiritual».<sup>24</sup>

Conhecemos esta tristeza que leva à habituação e pouco a pouco faz-nos ver como natural o mal e a injustiça, sussurrando tenuemente «sempre se fez assim». Tristeza, que torna estéril todas as tentativas de transformação e conversão, espalhando ressentimento e aversão. «Esta não é a escolha de uma vida digna e plena, este não é o desígnio que Deus tem para nós, esta não é a vida no Espírito que jorra do coração de Cristo ressuscitado»<sup>25</sup> e para a qual fomos chamados. Irmãos, quando esta *tristeza adocicada* ameaça tomar conta da nossa vida ou da nossa comunidade, sem nos assustar nem preocupar mas com determinação, peçamos e façamos pedir ao Espírito que «venha despertar-nos, dar-nos um abanão na nossa sonolência, libertar-nos da inércia. Desafiemos a habituação, abramos bem os olhos, os ouvidos e sobretudo o coração, para nos deixarmos mover pelo que acontece ao nosso redor e pelo clamor da Palavra viva e eficaz do Ressuscitado».<sup>26</sup>

Deixai que vo-lo repita: todos precisamos do conforto e da força de

levarão pelo caminho da frustração e do desencanto.

Ao longo da nossa vida, pudemos contemplar como, «com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria».<sup>27</sup> Embora existam diferentes etapas nesta vivência, sabemos que Deus, independentemente das nossas fragilidades e pecados, sempre «nos permite levantar a cabeça e recomeçar, com uma ternura que nunca nos defrauda e sempre nos pode restituir a alegria».<sup>28</sup> Esta alegria não nasce dos nossos esforços voluntários ou intelectualistas, mas da confiança de saber que continuam eficazes as palavras de Jesus a Pedro: no momento em que fores joicirado, não te esqueças de que «Eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça» (*Lc* 22, 32). O Senhor é o primeiro a rezar e lutar por ti e por mim. E convidava-nos a entrar plenamente na sua oração. Pode até haver momentos em que tenhamos de mergulhar na «oração do Getsémani, a mais humana e mais dramática das orações de Jesus (...). Há súplica, tristeza, angústia, quase um desnortamento (*Mt* 14, 33-42)».<sup>29</sup>

Sabemos que não é fácil permanecer diante do Senhor, deixando que o seu olhar percorra a nossa vida, cure o nosso coração ferido e lave os nossos pés impregnados pela mundanidade que se lhes aderiu ao lon-

ção do pastor é uma oração habitada tanto pelo Espírito «que clama: «Abbá, Pai!»» (*Gl* 4, 6) como pelo povo que lhe foi confiado. A nossa missão e identidade compreendem-se a partir desta dupla ligação.

A oração do pastor nutre-se e encarna-se no coração do Povo de Deus. Traz as marcas das feridas e alegrias do seu povo, apresentando-as em oração silenciosa ao Senhor para que as unja com o dom do Espírito Santo. É a esperança do pastor que confia e luta para que o Senhor cure a nossa fragilidade, tanto a pessoal como a das nossas comunidades. Mas não percamos de vista que é precisamente na oração do Povo de Deus que o coração do pastor se encarna e encontra o seu lugar. Isto preserva-nos a todos de procurar ou querer respostas fáceis, rápidas e pré-fabricadas, permitindo ao Senhor ser Ele – e não as nossas receitas e prioridades – a mostrar-nos um caminho de esperança. Não percamos de vista que, nos momentos mais difíceis da comunidade primitiva (como se lê no livro dos Atos dos Apóstolos), a oração tomou-se a verdadeira protagonista.

Irmãos, reconhecamos a nossa fragilidade, sim; mas deixemos que Jesus a transforme e nos projete sempre de novo para a missão. Não percamos a alegria de nos sentir «ove-lhas», de saber que Ele é o nosso Senhor e Pastor.

Para manter o coração animado, é necessário não negligenciar estas duas ligações constitutivas da nossa identidade: com Jesus e com o nosso povo. A primeira ligação: sempre que nos desligamos de Jesus ou negligenciamos a nossa relação com Ele, pouco a pouco a nossa dedicação vai-se estiolando e as nossas lâmpadas ficam sem o azeite capaz de iluminar a vida (cf. *Mt* 25, 1-13): «Tal como o ramo não pode dar fruto por si mesmo, mas só permanecendo na videira, assim também acontecerá convosco, se não permanecerdes em mim (...) Quem permanece em mim e Eu nele, esse dá muito fruto, pois, sem mim, nada podeis fazer» (*Jó* 15, 4-5). Neste sentido, gostaria de vos encorajar a que não negligenciásseis o acompanhamento espiritual, tendo um irmão com quem falar, confrontar-se, debater e discernir, com plena confiança e transparência, a propósito do próprio caminho; um irmão sábio, com quem fazer a experiência de se saber discípulo. Procurai-o, encontrai-o e gozai a alegria de vos deixardes cuidar, acompanhar e aconselhar. É uma ajuda insubstituível para poder viver o ministério, fazendo a vontade do Pai (cf. *Hb* 10, 9) e deixar o coração palpitar com «os mesmos sentimentos, que estão em Cristo Jesus» (*Fl* 2, 5). Fazem-nos bem estas palavras de Oshel: «É melhor dois do que um só (...) Se caírem, um ergue o seu companheiro. Mas ai do solitário que cai: não tem outro para o levantar» (4, 9-10).

Quanto à outra ligação constitutiva, robusteci e nutri o vínculo com o vosso povo. Não vos isoleis do vosso povo nem dos presbitérios ou das comunidades. E menos ainda...



Deus e dos irmãos em tempos difíceis. A todos nós, são de proveito estas sentidas palavras de São Paulo às suas comunidades: «Peço-vos que não desaniméis com as tribulações» (*Ef* 3, 13); «tende ânimo nos vossos corações» (cf. *Cl* 2, 2). Assim, poderemos cumprir a missão que o Senhor nos dá cada manhã: transmitir uma boa nova, «uma grande alegria, que o será para todo o povo» (*Lc* 2, 10). Mas, atenção! Não como teoria, como conhecimento intelectual ou moral do que deveria ser, mas como homens que, no meio da tribulação, foram transformados e transfigurados pelo Senhor e, como Job, chegaram a exclamar: «Os meus ouvidos tinham ouvido falar de ti, mas agora veem-te os meus próprios olhos» (42, 5). Sem esta experiência fundadora, todos os nossos esforços nos

do caminho e nos impede de caminhar. Na oração, experimentamos aquela nossa bendita precariedade que nos lembra que somos discípulos carecidos do auxílio do Senhor e nos liberta da tendência prometeuca «de quem, no fundo, só confia nas suas próprias forças e se sente superior aos outros por cumprir determinadas normas».<sup>30</sup>

Irmãos, Jesus – melhor do que ninguém – conhece os nossos esforços e resultados, bem como os fracassos e desvios. É o primeiro a dizer-nos: «Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, que Eu hei de aliviar-vos. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para o vosso espírito» (*Mt* 11, 28-29).

Numa oração como esta, sabemos que nunca estamos sozinhos. A ora-





encerrar-vos em grupos fechados e elitistas. Isto, no fim, asfixia e envenena o espírito. Um ministro ardoroso é um ministro sempre em saída; e «estar em saída» leva-nos a caminhar «por vezes à frente, por vezes no meio e outras atrás: à frente, para guiar a comunidade; no meio, para melhor a compreender, animar e sustentar; atrás, para a manter unida, a fim de que ninguém se atrase demais (...) e também por outro motivo, ou seja, porque o povo tem intuito! Tem intuito para encontrar novas sendas para o caminho, tem o *sensus fidei* (cf. *LG*, n. 12). Poderá existir algo de mais bonito?»<sup>31</sup> O próprio Jesus é modelo desta opção evangelizadora, que nos introduz no coração do povo. Faz-nos bem vê-Lo perto de todos. A entrega de Jesus na cruz é apenas o ponto culminante deste estilo evangelizador que marcou toda a sua existência.

Irmãos, o sofrimento de tantas vítimas, o sofrimento do Povo de Deus e nosso também, não pode ser em vão. É o próprio Jesus que carrega todo este peso na sua cruz e nos convida a renovar a nossa missão de estar perto dos que sofrem, de estar sem vergonha perto das misérias humanas e – porque não? – vivê-las como se fossem próprias para as tornar eucaristia.<sup>32</sup> O nosso tempo, marcado por velhas e novas feridas, precisa que sejamos artesãos de relação e comunhão, abertos, confiados e esperançosos da novidade que o Reino de Deus quer suscitar hoje; um Reino de pecadores perdoados, convidados a testemunhar a compaixão sempre viva e ativa do Senhor; «porque é eterna a sua misericórdia».

### LOUVOR

«A minha alma glorifica o Senhor» (*Lc* 1, 46)

É impossível falar de gratidão e encorajamento sem contemplar Maria. Ela, mulher do coração trespassado (cf. *Lc* 2, 35), ensina-nos o louvor capaz de abrir o olhar para o futuro e devolver a esperança ao presente. Toda a sua vida ficou condensada no seu cântico de louvor (cf. *Lc* 1, 46-55), que somos convidados, também nós, a entoar como promessa de plenitude.

Sempre que vou a um santuário mariano, gosto de «ganhar tempo» contemplando e deixando-me contemplar pela Mãe, pedindo a confiança da criança, do pobre e da pessoa simples que sabe que ali está

a sua Mãe e pode mendigar um lugar no seu regaço. E enquanto A contemplo, apraz-me ouvir mais uma vez como o índio João Diego: «Que tens, meu filho, o mais pequenino? O que é que entristece o teu coração? Porventura não estou aqui Eu, que tenho a honra de ser tua mãe?»<sup>33</sup>.

Contemplar Maria é voltar «a acreditar na força revolucionária da ternura e do afeto. N'ela, vemos que a humildade e a ternura não são virtudes dos fracos, mas dos fortes, que não precisam de maltratar os outros para se sentir importantes».<sup>34</sup>

Se alguma vez o olhar começar a insensibilizar-se ou sentirmos que a força sedutora da apatia ou da desolação quer criar raízes e apoderar-se do coração; se o gosto de nos sentirmos parte viva e integrante do Povo de Deus começa a incomodar-nos dando-nos conta de ser impelidos para uma atitude elitista, não tenhamos medo de contemplar Maria e entoar o seu cântico de louvor.

Se alguma vez nos sentirmos tentados a isolar-nos e fechar-nos em nós mesmos e nos nossos projetos protegendo-nos dos caminhos sempre poeirentos da história, ou se o lamento, a queixa, a crítica ou a ironia tomam conta das nossas ações sem querer lutar, esperar e amar, olhemos para Maria a fim de que limpe os nossos olhos de toda a «palheira» que nos possa impedir de estarmos atentos e despertados para contemplar e celebrar a Cristo que vive no meio do seu Povo. E se virmos que não conseguimos caminhar direito, que nos custa manter os propósitos de conversão, digamos-lhe como A suplicava, quase com cumplicidade, aquele grande pároco – poeta também – da minha diocese anterior: «Esta tarde, Senhora, a promessa é sincera. Mas, pelo sim e pelo não, não te esqueças de deixar a chave por fora».<sup>35</sup> Ela «é a amiga sempre solícita para que não falte o vinho na nossa vida. É Aquela que tem o coração trespassado pela espada, que compreende todas as penas.

Como Mãe de todos, é sinal de esperança para os povos que sofrem as dores do parto até que germine a justiça (...). Como uma verdadeira mãe, caminha connosco, luta connosco e aproxima-nos incessantemente do amor de Deus».<sup>36</sup>

Irmãos, mais uma vez vos digo que «não cesso de dar graças a Deus por vós» (*Ef* 1, 16), pela vossa dedicação e missão, com a certeza de que «Deus remove as pedras duras, contra as quais vão embater esperanças e expectativas: a morte, o pecado, o medo, a mundanidade. A história humana não acaba frente a uma pedra sepulcral, já que hoje mesmo descobre a «pedra viva» (cf. *1 Pd* 2, 4): Jesus ressuscitado. Como Igreja, estamos fundados sobre Ele e, mesmo quando desfalecemos, mesmo quando somos tentados a julgar tudo a partir dos nossos fracassos, Ele vem fazer novas todas as coisas».<sup>37</sup>

Deixemos que seja a gratidão a suscitar o louvor e nos encoraje mais uma vez na missão de ungir os nossos irmãos na esperança; nos encoraje a ser homens que testemunhem com a sua vida a compaixão e misericórdia que só Jesus nos pode dar.

Que o Senhor Jesus vos abençoe e a Virgem Santíssima vos guarde. E peço-vos, por favor, que não vos esqueçais de rezar por mim.

Fraternamente,

*Franciscus*

Roma, em São João de Latrão, na Memória litúrgica do Santo Cura d'Ars, 4 de agosto de 2019.

<sup>1</sup> Cf. Carta ap. *Anno iubilari* (23 de abril de 1929): *AAS* 21 (1929), 312-313.

<sup>2</sup> Cf. *Discurso à Conferência episcopal italiana*, 20 de maio de 2019. A paternidade espiritual que impele o Bispo a não deixar órfãos os seus presbíteros, pode-se «tocar» não apenas na capacidade de manter as portas abertas para todos os seus padres, mas também em ir procurá-los para cuidar deles e acompanhá-los.

<sup>3</sup> Cf. São João XXIII, Carta enc. *Sacerdotii nostri primordia*, no primeiro centenário do pio trânsito do Santo Cura d'Ars (1 de agosto de 1959): *AAS* 51 (1959), 548.

<sup>4</sup> Cf. Carta ao Povo de Deus (20 de agosto de 2018).

<sup>5</sup> *Encontro com os sacerdotes, religiosos e religiosas, consagrados e seminaristas*, Santiago do Chile, 16 de janeiro de 2018.

<sup>6</sup> Cf. Carta ao Povo de Deus que peregrina no Chile, 31 de maio de 2018.

<sup>7</sup> *Encontro com o clero de Roma*, 7 de março de 2019.

<sup>8</sup> *Homília na Vigília Pascal*, 19 de abril de 2014.

<sup>9</sup> Exort. ap. *Gaudete et exultate*, 7.

<sup>10</sup> Cf. Jorge Mario Bergoglio, *Cartas da tribulação*, Milão, p. 18.

<sup>11</sup> Cf. *Discurso aos párocos de Roma*, 6 de março de 2014.

<sup>12</sup> *Retiro por ocasião do Jubileu dos Sacerdotes: Primeira Meditação*, 2 de junho de 2016.

<sup>13</sup> Antonio Spadaro, «Entrevista ao Papa Francisco», in: *La Civiltà Cattolica*, n. 3.918 (19 de setembro de 2013), p. 462.

<sup>14</sup> Exort. ap. *Evangeliū gaudium*, 137.

<sup>15</sup> Cf. *Discurso aos párocos de Roma*, 6 de março de 2014.

<sup>16</sup> Cf. Exort. ap. *Evangeliū gaudium*, 268.

<sup>17</sup> Exort. ap. *Gaudete et exultate*, 7.

<sup>18</sup> Cf. Carta ap. *Misericórdia et misera*, 13.

<sup>19</sup> Exort. ap. *Gaudete et exultate*, 50.

<sup>20</sup> *Ibid.*, n. 134.

<sup>21</sup> Cf. Jorge Mario Bergoglio, *Reflexiones en esperanza*, Cidade do Vaticano, p. 14.

<sup>22</sup> *Diário de um pároco de aldeia*, Paris 1974, 135; cf. Exort. ap. *Evangeliū gaudium*, 83.

<sup>23</sup> Cf. Barsanísio, *Epistolário*, in: Vito Cutro-Michal Szwemin, *Necessidade de paternidade*, Varsóvia 2018, p. 124.

<sup>24</sup> *A arte de purificar o coração*, Roma 1999, p. 47.

<sup>25</sup> Exort. ap. *Evangeliū gaudium*, 2.

<sup>26</sup> Exort. ap. *Gaudete et exultate*, 137.

<sup>27</sup> Exort. ap. *Evangeliū gaudium*, 1.

<sup>28</sup> *Ibid.*, n. 3.

<sup>29</sup> Jorge Mario Bergoglio, *Reflexiones en esperanza*, Cidade do Vaticano, p. 26.

<sup>30</sup> Exort. ap. *Evangeliū gaudium*, 94.

<sup>31</sup> *Encontro com o clero, pessoas de vida consagrada e membros de conselhos pastorais*, Assis, 4 de outubro de 2013.

<sup>32</sup> Cf. Exort. ap. *Evangeliū gaudium*, 268-270.

<sup>33</sup> *Nican Mopohua*, 107, 118; 119.

<sup>34</sup> Exort. ap. *Evangeliū gaudium*, 288.

<sup>35</sup> Cf. Amelio Luis Calori, *Aula Fúlgida*, Buenos Aires 1946.

<sup>36</sup> Exort. ap. *Evangeliū gaudium*, 286.

<sup>37</sup> *Homília na Vigília Pascal*, 20 de abril de 2019.





Faleceu Jaime Lucas Ortega y Alamino, arcebispo emérito de Havana

## Um cardeal de diálogo

Nascido em Jagüey Grande, na diocese de Matanzas, a 18 de outubro de 1936, foi ordenado sacerdote a 2 de agosto de 1964. Eleito para a Igreja residencial de Pinar del Río em 4 de dezembro de 1978, recebeu a ordenação episcopal em 14 de janeiro de 1979. Promovido à sede arquiépiscopal da capital de Cuba em 20 de novembro de 1981, o Papa Wojtyła criou-o e publicou-o cardeal com o título dos Santos Áquila e Priscila no Consistório de 26 de novembro de 1994. Participou no conclave de abril de 2005, que elegeu Joseph Ratzinger e de março de 2013, que elegeu o Papa Bergoglio, o qual em 26 de abril de 2016 aceitou a sua renúncia ao governo pastoral da arquidiocese de Havana. Como jovem sacerdote conheceu também a prisão no campo de reeducação. A sua morte suscitou condolências unânimes entre políticos, intelectuais, cientistas e líderes religiosos, a ponto de o governo lhe ter reservado o funeral de Estado.

Uma nota manuscrita do seu amigo Jorge Mario Bergoglio: o cardeal Ortega y Alamino tinha recebido este presente singular no dia seguinte à eleição de Francisco, com a autorização do Pontífice para publicar o documento; duas folhas nas quais o arcebispo de Buenos Aires preparou o seu discurso para uma das congregações gerais que precederam o Conclave e que o cardeal cubano lhe tinha pedido. Amizade enraizada na comum origem latino-americana e selada por duas viagens de Francisco à pátria do arcebispo de Havana: por ocasião da visita em setembro de 2015 e depois em 12 de fevereiro de 2016 para se encontrar com Cirilo, Patriarca de Moscovo e de toda a Rússia. Ortega teve o raro privilégio de receber em sua casa os três últimos Pontífices.

Jaime Lucas era único filho. O seu pai, Arsênio, que trabalhou primeiro numa fábrica de açúcar e depois abriu uma modesta atividade comercial, morreu quando ele era criança. A figura central foi a sua mãe Adela, que viveu sempre com ele e morreu em idade veneranda. Uma mulher forte: na noite anterior ao anúncio oficial da nomeação do cardeal – definido “uma bomba” pelo então núncio apostólico em Cuba,

Beniamino Stella – ela abraçou-o, dizendo: “Nada de honras, agora esperam-te mais sofrimentos, mais cruzes”.

Era considerado “construtor de pontes”, “instrumento de luz e salvação”. Assim o arcebispo Juan de la Caridad García Rodríguez, recordou

o seu predecessor na arquidiocese de San Cristóbal de La Habana. O funeral foi celebrado solenemente a 28 de julho, na catedral da capital cubana. Os sentimentos de pesar comum que uniram não só a comunidade católica, mas também toda a população e as autoridades s do

país, foram expressos numa participação coletiva comovedora. O governo reservou ao “cardeal do diálogo” o funeral de Estado, no qual estiveram presentes os mais altos líderes políticos. Entre eles, Raúl Castro, primeiro-secretário do Comité central do partido comunista de Cuba, e Miguel Mario Díaz-Canel Bermúdez, presidente do Conselho de Estado e do Conselho de ministros, que pessoalmente quiseram oferecer, como ato de homenagem, a decoração floral para a cerimónia fúnebre.

Também “Granma”, jornal oficial do Comité central do partido comunista de Cuba, nos últimos dias dedicou considerável atenção à notícia da morte do cardeal Ortega, recordando que o purpurado era amado e respeitado por todo o povo.

Na sua homilia, o arcebispo García Rodríguez destacou as qualidades humanas e cristãs do saudoso cardeal, afirmando que foi um “pastor fiel que doou a sua vida no sacerdócio”, mas também um “pensador e amigo da cultura” e, sobretudo, um homem que construiu laços, esforçando-se constantemente para que quantos vivem nas diversas formas de marginalidade – geográficas, religiosas, filosóficas ou políticas – se encontrem no conhecimento e no diálogo.

No final, o ataúde foi levado para fora da catedral, ao som dos sinos e recebido por um longo e comovedor aplauso da multidão que entoava cantos religiosos.

## Pesar do Santo Padre

*Depois de uma longa doença, o cardeal cubano Jaime Lucas Ortega y Alamino, arcebispo emérito de San Cristóbal de La Habana, faleceu a 26 de julho. Tinha 82 anos e nos últimos dias o seu estado de saúde agravou-se por causa do tumor. O falecimento ocorreu às 6h16 na sua residência em Havana, onde nos trinta e quatro anos do seu ministério teve o raro privilégio de receber os últimos três Pontífices: João Paulo II, na histórica visita de 1998, Bento XVI, em 2012 e, duas vezes em poucos anos, Francisco, em setembro de 2015 e depois por ocasião da visita a 12 de fevereiro de 2016. Homem de diálogo, capaz de manter viva a Igreja cubana nos anos difíceis, era amado, respeitado e admirado pelo povo e também pelas autoridades governamentais do país. Ao receber a notícia da sua morte, o cardeal secretário de Estado, Pietro Parolin, em nome do Santo Padre Francisco, enviou ao sucessor do saudoso purpurado, arcebispo Juan de la Caridad García Rodríguez, o seguinte telegrama de condolências.*

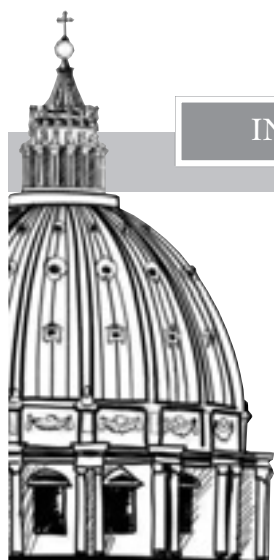
O Papa Francisco, depois de receber a notícia da morte do cardeal Jaime Lucas Ortega y Alamino, arcebispo emérito de San Cristóbal de La Habana, pede a Vossa Excelência que transmita gentilmente as suas condolências e paternal proximidade à sua família, clero e fiéis dessa Arquidiocese. Além disso, enquanto oferece sufrágios pelo descanso eterno do defunto, que serviu a Igreja e os seus irmãos nas várias tarefas que lhe foram confiadas pela Providência, conceda-vos a Bênção Apostólica, como sinal da esperança cristã no Senhor Ressuscitado.

O Pontífice aos jovens cubanos

## Dar testemunho de Jesus

É um vigoroso convite à missão a mensagem do Papa aos jovens cubanos por ocasião da sua segunda jornada nacional, celebrada a 1 de agosto, sobre o tema: «Eis a serva do Senhor; faça-me em mim segundo a tua palavra». No texto enviado ao arcebispo de Santiago de Cuba, D. Dionisio García Ibáñez – assinado pelo cardeal secretário de Estado Pietro Parolin – o Pontífice quis saudar «com afeto os organizadores e todos os jovens participantes», encorajando-os «a continuar com firmeza a seguir o exemplo de Maria, fiel serva do Senhor». Para sentir a «alegria que vem do encontro com Jesus Cristo e, como testemunhas da sua ressurrei-

ção, deixar-se transformar em discípulos missionários, a fim de que muitos outros jovens possam descobrir a presença do Senhor Jesus, ouvir a sua chamada, crescer na sua amizade e, desta forma, viver uma existência fundada na fidelidade e na misericórdia». «Com estes sentimentos» – lê-se na mensagem – «o Santo Padre pede a Deus nosso Senhor, por intercessão da Santíssima Virgem da Caridade do Cobre, que proteja com o seu amor infinito todos os jovens cubanos, acompanhando-os em todos os momentos da sua vida e concedendo com alegria a Bênção apostólica».



## INFORMAÇÕES

### Renúncias

*O Santo Padre aceitou a renúncia:*

No dia 26 de julho

De D. Stephen Joseph Reichert, O.F.M. Cap., ao governo pastoral Arquidiocese de Madang (Papua-Nova Guiné).

No dia 31 de julho

De D. Gaetano Galbusera Fumagalli, S.D.B., ao governo pastoral do Vicariato Apostólico de Pucallpa (Peru).

No dia 1 de agosto

De D. Josip Mrzljak, ao governo pastoral da Diocese de Varaždin (Croácia).

### Nomeações

*O Sumo Pontífice nomeou:*

A 26 de julho

Arcebispo da Sede Metropolitana de Madang (Papua-Nova Guiné), D. Anton Bal, até hoje Bispo de Kundiawa.

Administrador Apostólico da Diocese de Fabriano-Matelica (Itália), D. Francesco Massara, Arcebispo de Camerino – San Severino Marche.

Administrador Apostólico “sede vacante et ad nutum Sanctae Sedis” da Prelazia territorial de Huamachuco (Peru), o Rev.<sup>do</sup> Pe. Pascual Benjamín Rivera Montoya, T.O.R., até esta data Pró-Vigário episcopal da III Vigararia da Arquidiocese de México (México).

Subsecretário Adjunto do Pontifício Conselho para a Cultura, o Rev.<sup>mo</sup> Mons. Carlo Maria Polvani, até esta data em serviço na Secção para os Assuntos Gerais da Secretaria de Estado.

Promotor de Justiça no Supremo Tribunal da Assinatura Apostólica, o Rev.<sup>mo</sup> Mons. Alberto Perlasca, até agora em serviço na Secção para os Assuntos Gerais da Secretaria de Estado.

A 27 de julho

Capelão da Direção dos Serviços de Segurança e Protecção Civil do Estado da Cidade do Vaticano, o Rev.<sup>do</sup> Pe.

Francesco Fontana, S.D.B., atualmente Superior da Comunidade Salesiana no Vaticano.

A 29 de julho

Membros do Colégio para o exame dos recursos em matéria de *delicta reservata*, instituído na Congregação para a Doutrina da Fé, os Rev.<sup>mos</sup> Monsenhores: Filippo Iannone, Andrea Migliavacca, Egidio Miragoli, Carlo Roberto Maria Redaelli, Arthur Roche, Pier Antonio Pavanello e Cyril Vasil’.

Membro suplente do mesmo Colégio, o Rev.<sup>mo</sup> Mons. José Luis Mollaghan.

Administrador Apostólico “sede vacante” do Vicariato Apostólico de Alexandria do Egito dos Latinos, o Rev.<sup>do</sup> Pe. Elia Eskandr Abd Elmalak, O.F.M., atualmente Vigário-Geral da Eparquia de Luxor-Tebe.

A 31 de julho

Vigário Apostólico de Pucallpa (Peru), o Rev.<sup>do</sup> Pe. Augusto Martín Quijano Rodríguez, S.D.B., até agora Conselheiro de Inspetoria.

A 1 de agosto

Bispo de Varaždin (Croácia), o Rev.<sup>do</sup> Cón. Bože Radoš, do clero da Arquidiocese de Đakovo-Osijek, até agora Reitor do Pontifício Colégio Croata de São Jerónimo *in Urbe*.

*D. Bože Radoš nasceu a 5 de setembro de 1964, em Crvenice (Bósnia e Herzegovina). Foi ordenado Sacerdote no dia 29 de junho de 1990.*

### Prelados falecidos

*Adormeceram no Senhor:*

No dia 21 de julho

D. Adel Zaki, Vigário Apostólico de Alexandria (Egito).

*O saudoso Prelado nasceu a 1 de dezembro de 1947, em Luxor (Egito). Foi ordenado Sacerdote em 24 de setembro de 1972. Recebeu a Ordenação episcopal a 31 de outubro de 2009.*

No dia 22 de julho

D. Juan Rodolfo Laise, Bispo Emérito de San Luis (Argentina).

*O venerando Prelado nasceu a 22 de fevereiro de 1926, em Buenos Aires (Argentina). Recebeu a Ordenação sacerdotal no dia 4 de setembro de 1949. Foi ordenado Bispo no dia 29 de maio de 1971.*

## A globalização destruiu fronteiras e quebrou barreiras estruturais

FAUSTINO VICENTE\*

Há algumas décadas, o sonho de muitos jovens era diplomar-se numa conceituada universidade, pois era esse o “passaporte carimbado” que os levaria a um emprego formal e a uma carreira bem-sucedida e duradoura. A formação académica representava um requisito diferenciado para o crescimento profissional, dentro de uma excelente organização.

Hoje, o sonho do “canudo” universitário transformou-se em obrigação e na certeza da conquista de uma vaga no mercado de trabalho, uma estressante incerteza.

A globalização destruiu fronteiras e quebrou barreiras estruturais centenas, fazendo com que milhões de vagas de trabalho se evaporassem do planeta Terra.

Muitas profissões desapareceram, gerando milhões de desempregados em todo o mundo. Se o primeiro emprego formal é extremamente difícil, o último pode ser extremamente precoce. Aos 20 anos poderemos ser considerados inexperientes e aos 40 decadentes.

Essa realidade, que tem feito o mundo sempre melhor materialmente, nos traz à lembrança um dos clássicos do cinema norte-americano – *Tempos modernos* (1936) – estrelado por Charles Chaplin, o “imortal” Carlitos.

Através de sátiras, ele nos mostra tentativas de substituição do homem por máquinas. Aumentar a produtividade – fazer cada vez mais, e melhor, com cada vez menos – era o grande objetivo, mesmo que o ser humano fosse humilhado, como pode ser visto em algumas cenas do último filme mudo dessa lenda da sétima arte.

A tecnologia da informação (TI), encurtou as distâncias e distanciou as proximidades, via praticidade – “produto” essencial no novo estilo de vida da sociedade contemporânea. Podemos dizer que parte das operações bancárias pode ser considerada como exemplo expressivo dessa nossa afirmação. Diante das vertiginosas transformações tecnológicas, cremos que vale a pena fazer uma profunda reflexão sobre um dos versos da canção “O que é, o que é”, do saudoso cantor brasileiro, o compositor e músico Gonzaguinha: “A beleza de ser um eterno aprendiz”.

O profissional, independentemente da atividade que desenvolve, que tiver a percepção exata do que representa essa máxima, poderá descobrir a diferença, que fará a diferença em termos de sucesso sustentável.

Sobre a competitividade mundial, válida para todas as atividades humanas, encerramos com a seguinte máxima: “Em tempos de crise uns choram e outros... vendem lenços”.

\*Consultor de empresas e de órgãos públicos

Arquivo editorial  
multimédia do Dpc

## Memória e futuro

ALESSANDRO GISOTTI

Preservar a memória, transmitir os conteúdos, valorizar o próprio património. Uma das finalidades dos meios de comunicação da Santa Sé foi sempre a de conservar documentos de particular importância histórica, sobretudo dos Pontífices, em vários formatos. Uma atividade orientada não só para as importantes finalidades de arquivo e conservação, mas também para dar vida a essa tradição que, como afirmou recentemente o Papa Francisco, recordando Gustav Mahler, «é a garantia do futuro e não a preservação de cinzas».

Agora esta «missão na missão» dos meios de comunicação do Vaticano foi reforçada graças à criação, pelo prefeito Paolo Ruffini, do Arquivo editorial multimédia do Dicastério para a comunicação, que se insere no quadro jurídico do Vaticano sobre esta matéria e está ligado à atividade da Comissão central para os Arquivos da Santa Sé. Este novo Arquivo passa a ser o sujeito que administrará e realizará o processo de arquivo dos documentos editoriais (textos, áudio, fotografias, vídeo) de todo o Dicastério, garantindo a sua preservação e acessibilidade. Significativamente, embora visando a digitalização completa do material, o Arquivo incluirá também os arquivos herdados dos meios de comunicação e das instituições que agora fazem parte do Dicastério para a comunicação.

O Arquivo, cuja coordenação foi confiada a Pietro Cocco – ex-assistente do Diretor de programas da Rádio Vaticano – faz parte da Direção editorial e trabalha em coordenação com o prefeito do Dicastério seguindo as suas indicações, evidenciando a importância que foi atribuída a esta nova realidade. Igualmente relevante é o esforço sinérgico posto em prática para a criação e a atividade do Arquivo, que irá valer-se, em particular, da colaboração da Divisão dos arquivos audiovisuais da Direção tecnológica para a aquisição de material, para a primeira entrada de dados técnicos e para a otimização dos fluxos internos dos documentos produzidos. A distribuição e cessação dos direitos de utilização de produtos editoriais por parte de terceiros continuará a ser da competência da Direção para os assuntos gerais do Dicastério.



## ANGELUS

Francisco afirmou que a ganância está na origem das guerras

## Prece pelas vítimas dos massacres nos Estados Unidos

*Ao meio-dia de 4 de agosto, o Papa recitou o Angelus dominical na praça de São Pedro, meditando sobre o trecho evangélico de Lucas (12, 13-21), que aborda o tema da relação do homem com os bens terrenos.*

Queridos irmãos e irmãs, bom dia!

O Evangelho de hoje (cf. *Lc 12, 13-21*) tem início com a cena de um homem que se levanta na multidão e pede que Jesus resolva uma questão jurídica sobre a herança da família. Na sua resposta Ele não trata o problema mas exorta a afastar-se da ganância, isto é, da avidez de possuir. Para desviar os seus ouvidos dessa busca frenética da riqueza, Jesus conta a parábola do rico insensato, que acredita que é feliz porque teve a sorte de uma extraordinária colheita e se sente seguro pelos bens que acumulou. Será bom lê-la hoje; encontra-se no capítulo 12, versículo 13 de São Lucas. É uma bonita parábola que nos ensina muito. A história ganha vida quando surge o contraste entre o que o homem rico projeta para si mesmo e o que Deus lhe promete.

O rico põe diante da sua alma, isto é, perante si mesmo, três considerações: os grandes bens acumulados, os muitos anos que esses

bens parecem assegurar-lhe, e terceiro, a tranquilidade e o bem-estar exagerado (cf. v. 19). Mas a palavra que Deus lhe dirige cancela estes projetos. Em vez dos «muitos anos», Deus indica o imediatismo «desta noite; esta noite morrerás»; em vez do «gozo da vida», Ele apresenta-lhe a «prestação de contas da vida; entregarás a vida a Deus», com o conseqüente juízo. Quanto à realidade dos muitos bens acumulados sobre os quais o rico baseava tudo, foi coberta pelo sarcasmo da pergunta: «E o que preparaste, de quem será?» (v. 20). Pensemos nas lutas pelas heranças; muitas batalhas familiares. E a tantas pessoas, todos nós conhecemos alguma história, para as quais se aproxima a hora da morte, começam a chegar os netos, os sobrinhos, perguntando: «Mas o que cabe a mim?», e levam embora tudo. É nesta oposição que se justifica o apelativo de «insensato» — porque ele pensa em coisas que acredita serem concretas, mas que são uma fantasia — com o qual Deus se dirige a este homem. Ele é insensato porque na prática negou Deus, não fez as contas com Ele.

A conclusão da parábola, formulada pelo evangelista, é de eficácia singular: «Assim acontece a quantos acumulam tesouros para si mes-

mos e não se enriquecem com Deus» (v. 21). É uma advertência que revela o horizonte para o qual todos somos chamados a olhar. Os bens materiais são necessários — são bens! — mas consistem em meio para viver honestamente e partilhar com os mais necessitados. Hoje Jesus convida-nos a considerar que as riquezas podem aprisionar o coração e desviá-lo do verdadeiro tesouro que está no céu. São Paulo também nos recorda isto na segunda leitura de hoje. Ele diz: «Procurai as coisas do céu... dirigi os vossos pensamentos para as coisas do céu, não para as da terra» (*Cl 3, 1-2*).

Isto — compreende-se — não significa afastar-se da realidade, mas procurar o que tem valor verdadeiro: justiça, solidariedade, acolhimento, fraternidade, paz, tudo o que constitui a verdadeira dignidade do homem. Trata-se de se orientar para uma existência vivida não no estilo mundano, mas segundo o estilo evangélico: amar a Deus com todo o nosso ser e amar o próximo como Jesus o amou, isto é, no ser-

viço e no dom de si mesmo. A ganância pelos bens, o desejo de ter bens, não satisfaz o coração, pelo contrário, provoca mais fome! A cobiça é como aqueles doces gostosos: comes um e dizes: «Ah! Que delícia», e depois comes outro; um atrás do outro. Assim é a ganância: nunca fica satisfeita. Tende cuidado! O amor compreendido e vivido desta forma é fonte de verdadeira felicidade, enquanto a busca sem limites dos bens materiais e das riquezas muitas vezes é fonte de inquietação, de adversidade, de privação, de guerra. Muitas guerras começam por causa da ganância.

Que a Virgem Maria nos ajude a não nos deixarmos fascinar pelas seguranças que passam, mas a sermos todos os dias testemunhas crentes dos valores eternos do Evangelho.

*No final da prece mariana o Pontífice rezou pelas vítimas dos massacres nos Estados Unidos, e proferiu as seguintes expressões.*

Queridos irmãos e irmãs!

Estou espiritualmente próximo das vítimas dos episódios de violência que sangraram o Texas, a Califórnia e o Ohio nos Estados Unidos nos últimos dias, atingindo pessoas indefesas. Convido-vos a unir-vos a mim na oração por quantos perderam a vida, pelos feridos e pelas suas famílias. Ave Maria...

Há 160 anos, como hoje, faleceu o Santo Cura d'Arce, modelo de bondade e caridade para todos os sacerdotes. Nesta ocasião significativa, eu quis enviar uma Carta aos sacerdotes de todo o mundo, para os encorajar na fidelidade à missão para a qual o Senhor os chamou. O testemunho deste humilde pároco, totalmente dedicado ao seu povo, ajude a redescobrir a beleza e a importância do sacerdócio ministerial na sociedade contemporânea.

Saúdo-vos a todos, romanos e peregrinos de vários países: famílias, associações e fiéis.

Desejo a todos um feliz domingo. Por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Bom almoço e até à vista!



Intenção de oração do Papa para o mês de agosto

### Família, laboratório de humanização

«Rezemos para que as famílias, graças a uma vida de oração e amor, se tornem cada vez mais “laboratórios de humanização». Esta é a intenção para o mês de agosto que o Papa Francisco confiou à Rede mundial de oração através do site [www.thepopevideo.org](http://www.thepopevideo.org).

«Que mundo queremos deixar para o futuro?»: foi a provocação lançada pelo Papa enquanto o vídeo mostra as imagens dentro de uma casa: «Deixemos um mundo com famílias», foi a resposta. E sobretudo, continuou o Pontífice, «cuidemos das famílias pois elas são verdadeiras escolas do amanhã, espaços de liberdade, centros de humanidade». Eis o convite a reservar-lhes «todo o espaço necessário para a oração pessoal e comunitária».

Neste sentido, são significativas as cenas do filme que se abrem com uma sensação de incomunicabilidade dentro de um núcleo familiar: o pai está numa sala com a intenção de consertar um objeto; a mãe, noutra sala, no sofá com o controle remoto na mão, distraída a ver a televisão. A filha chama os dois, reunindo-os todos à mesa, ao redor da qual se encontram em ora-



ção. Esta é a missão das famílias, como laboratórios de humanização. Traduzido em nove línguas, o vídeo foi preparado pela agência La Machi, que é responsável pela produção e distribuição, em colaboração com Vatican Media, que realizou a gravação.